



ESTUDO ETNOECOLÓGICO SOBRE OS SISTEMAS DE CULTIVO E PRODUÇÃO ANIMAL NA COMUNIDADE VAZANTEIRA DA ILHA PAU DE LÉGUA

Mariana Moreira Frois, Joyce Hellyen Santos Pereira

Introdução

A comunidade Ilha Pau de Léguas localiza-se a margem esquerda do Rio São Francisco, sendo que esse possui grande importância para ela. É o Rio São Francisco que determina os ciclos agrícolas e pesqueiros da comunidade. Agricultura e pesca são as atividades básicas de subsistência dessa comunidade, sendo que, ela se auto identifica como vazanteira [1]. A água é um recurso valorizado nas áreas rurais, assim elas são cuidadas, com zelo, por essas comunidades rurais. As águas fazem parte da cultura de comunidades rurais, entretanto elas tornaram-se um recurso crítico, regulamentado para consumo urbano e disputado para usos como irrigação, turismo, consumo humano e hidrelétrico [2]. O Brasil tem enfrentado falta de água em várias regiões. Essa crise é devida, em grande parte, a falta de gestão e planejamento das águas [3]. Antigamente, na comunidade Ilha Pau de Léguas, os animais eram criados livres, podendo percorrer todo o território, entretanto após um longo período expropriação esse cenário mudou. Atualmente leis ambientais, fiscalização do Instituto Estadual de Florestas e a instalação do Parque Estadual da Mata Seca, que reduziu o tamanho do território ocupado por eles, não permitem esse antigo costume [1]. Segundo Farias Filho e Ferraz Júnior [4], a plantação em vazante reduz impactos ambientais. O elevado teor de matéria orgânica faz com que se tenha uma maior produtividade de biomassa em vazante. Além disso, tem-se um menor período para o desenvolvimento das plantas, a maioria das plantas permanece saudável, produz satisfatoriamente e tem-se ausência (ou redução) da utilização de agrotóxicos. Objetiva-se com essa pesquisa: analisar a importância da água do Rio São Francisco para o consumo humano e animal de água e para a agricultura; analisar quais animais e como são criados pela comunidade Ilha Pau de Léguas; descrever o sistema de plantação em vazante e em roça realizada pelos integrantes da comunidade Ilha Pau de Léguas.

Materiais e métodos

O estudo foi realizado na comunidade Ilha Pau de Léguas, através de entrevistas estruturadas, entretanto também se entrevistou quatro indivíduos da comunidade próxima, Quilombo da Lapinha. As entrevistas ocorreram nos dias dez, onze e doze de fevereiro, em 2015. Ambas as comunidades se auto identificam como vazanteiras. As entrevistas, com os membros da Comunidade Ilha Pau de Léguas, ocorreram em Matias Cardoso, cidade onde eles também possuem residência. Esta comunidade vive na margem esquerda do São Francisco, município de Manga. Ela sobrevive da agricultura, em vazante e terra firme, pesca e criação de animais com pequeno porte [5]. Em 2000 a comunidade Ilha Pau de Léguas perdeu território com a criação do Parque Estadual da Mata Seca. Como consequência da briga entre Estado e a comunidade, por causa da criação do parque, apenas 19 famílias continuaram na comunidade exercendo suas atividades de agricultura e pesca, sendo que, antigamente eram 52 [1]. Já o quilombo da Lapinha localiza-se na baixada média sanfranciscana, margem direita do São Francisco, no município de Matias Cardoso. O Parque Lagoa do Cajueiro, criado em 1998, se sobrepôs ao Quilombo da Lapinha [5]. O quilombo é formado por cerca de cento e sessenta famílias, sendo que, são compostos pelas comunidades Vargem da Manga, Lapinha, Saco, ocupação rio São Francisco e Ilha da Ressaca Federação de Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais [6].

Resultados e discussão

Foram entrevistados dezoito indivíduos, sendo que, catorze são da Ilha Pau de Léguas e quatro do Quilombo da Lapinha. Dez dos entrevistados são do sexo masculino e 8 do sexo feminino, as idades variam entre trinta e sessenta e sete anos. A comunidade é formada por agricultores, no qual dez deles também exerce a pesca. Eles exercem a agricultura em vazante e na roça (área mais afastada do rio São Francisco). Dos dezoito entrevistados apenas dois possuíam área de pastagem, sendo que, as duas eram nativas. Essas áreas de pastagem não eram utilizadas para criação de animais, por exemplo cavalo e gado. Quanto a água utilizada para consumo humano, quatro famílias consomem água do rio (22,2%), nove da Copasa (50%), uma mineral (5,6%) e quatro consomem da Copasa e do Rio (22,2%). Com



relação a água para consumo animal para onze, das famílias, vem do rio (78,6%), duas da Copasa (14,3%) e uma da Copasa e do rio (7,1%). Isto mostra que, além de determinar os ciclos da agricultura e da pesca, o rio São Francisco é importante no fornecimento de água para consumo humano e animal em comunidades, como Ilha Pau de Léguas e Quilombo da Lapinha, que vivem à margem do São Francisco. O gráf. 1 A mostra os animais e a quantidade de animais que cada um dos entrevistados possuem. Galinhas compreendem a grande maioria, 81 % do número total de animais, os porcos são 8%, os cavalos menos de 1%, os patos 8 % e os gansos 1%. Dezesesseis por cento dos donos de galinhas mantêm-nas soltas, 41 % mantêm-nas presas e 41 % as mantêm algumas presas e outras soltas. Todos entrevistados, que possuem porcos e cavalos, mantêm-nos presos, existem donos de patos que os mantem soltos e que os mantêm alguns soltos e outros presos. Quanto aos gansos, apenas um dos integrantes entrevistados os possui, mantendo alguns soltos e outros presos. A tab. 1 mostra o que cada um dos indivíduos entrevistados plantam em vazante e em roça, pode-se observar que a vazante possui uma variedade maior de plantações, isso deve-se ao fato da vazante possuir maior quantidade de matéria orgânica e maior umidade. Segundo eles, essas características tornam a plantação em vazante mais fácil e produtiva do que em roça. Dificilmente se perde uma plantação em vazante e a produção é grande. O maior problema que se tem em plantar em vazante é a dependência do São Francisco para o ciclo das plantações. Quando o rio não enche eles perdem plantação, pois não forma vazante para que se possa plantar. Uma das dificuldades que eles encontram para plantar em roça é a falta de sistemas de irrigação, a grande maioria dos que possuem sistema de irrigação o possui apenas no sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS). Este consiste em uma metodologia de produção de hortaliças, frutíferas e criação de galinhas com bases agroecológicas, sem uso de agrotóxicos, sendo que, as fezes dos animais são usadas como adubo no solo e a irrigação é feita através do uso de motores movidos por placa solar ou combustível [1]. Muitos deles molham as plantações em roça com a água do rio São Francisco, retirada em baldes. Como método de plantio a maioria deles utilizam os canteiros. Fatores como maior venda, preferência da família, tamanho dos canteiros e espaço ocupado por cada espécie, maior produção sem sistema de irrigação, facilidade em se plantar e cuidar, rapidez na colheita e sobrevivência da planta determinam a escolha das espécies que serão cultivadas pela comunidade. O gráf. 1 B mostra as épocas de plantio e colheita deles, em todos os meses há pelo menos uma família plantando ou colhendo, sendo que nos meses de março, outubro, novembro e dezembro os plantios são mais intensos e nos meses de janeiro, fevereiro, maio, junho e julho as colheitas são mais intensas. Isso pode ser explicado pelo fato da estação chuvosa começar por volta do mês de outubro e terminar por volta do mês de março [7].

Conclusão

As comunidades tradicionais que vivem à beira do São Francisco possuem uma íntima relação com ele. E dependem dele para consumo de seus recursos e para suas atividades agrícolas. Diante da crise hídrica presente no Brasil e do risco de extinção do São Francisco faz-se necessário uma maior proteção e conscientização de comunidades urbanas e empresas. Também faz-se necessário o respeito ao território e costumes de comunidades tradicionais.

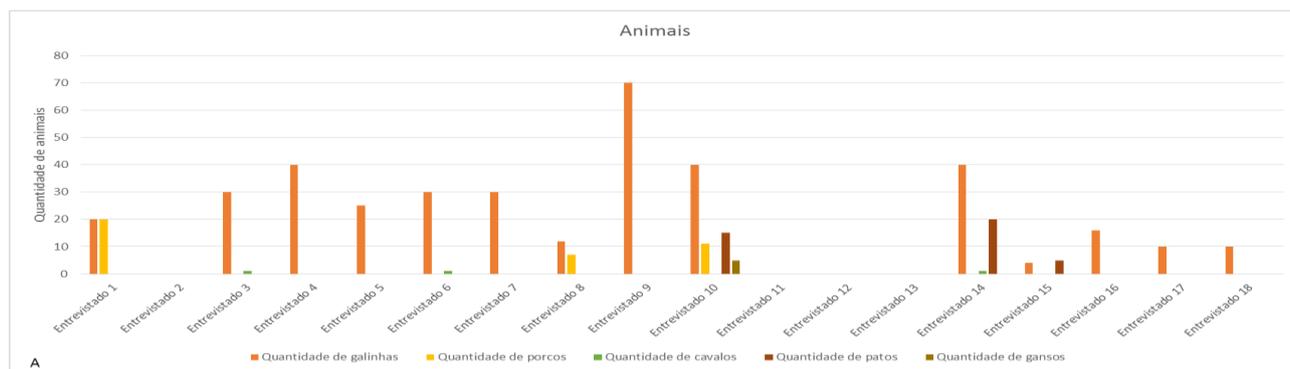
Referências

- [1] SANTOS, F.A. **Estudo etnoecológico em uma comunidade vazanteira do médio São Francisco, Minas Gerais**. 2015. 103p. (Programa em pós-graduação em ciências biológicas) – Unimontes, Montes Claros, 2015.
- [2] GALIZONI, F.M.; RIBEIRO, E.M. Bem comum e normas costumeiras: a ética das águas em comunidades rurais de Minas Gerais. **Ambiente e sociedade**, Campinas, v.XIV, n. 1, jun. 2011.
- [3] PORTAL DIA DE CAMPO. Água e agricultura: com planejamento e gestão não há crise hídrica. 2015. Disponível em: <<http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=31442&secao=Artigos%20Especiais>>. Acesso em: 24 Jul.2015.
- [4] FARIAS FILHO, A.S.; FERRAZ JÚNIOR, A.S.L. A cultura do arroz em sistema de vazante na baixada maranhense, periferia do sudeste da Amazônia. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, Goiânia, v.39, n.2, jun. 2009.
- [5] ANAYA, F. De “encurralados pelos parques” a “vazanteiros” em movimento: As reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Léguas e Quilombo da Lapinha no campo ambiental. 2012. 246p. (Programa de pós-graduação em sociologia) – UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- [6] FEDERAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Comunidade de Lapinha. 2015. Disponível em: <http://www.cedefes.org.br/index.php?p=projetos_detalle&id_pro=181>. Acesso em: 24 Jul. 2015.
- [7] MINUZZI, R.B. et al. Climatologia do comportamento do período chuvoso da região sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Meteorologia**, Santa Maria, v.22, n.3, set. 2007.



Tabela 1. Plantas cultivadas em vazante e em roça.

Entrevistados	Vegetais cultivados em vazante	Vegetais cultivados em roça
Entrevistado 1	Feijão, mandioca, batata, abobora, tomate, melão, cana e milho	Milho, feijão e melancia
Entrevistado 2	Feijão, milho, mandioca, melancia, melão, quiabo e caxixe	Feijão e milho
Entrevistado 3	Mandioca, feijão catador e arranque, milho, melancia, abobora, batata, quiabo, melão e coentro	Feijão, milho, abobora, quiabo e melancia
Entrevistado 4	Abobora, melancia, milho e feijão	Milho, feijão, abobora, melancia, melão, quiabo, mamão, acerola, limão e laranja
Entrevistado 5	Milho, feijão, abobora, batata, melancia, maxixe, quiabo e melão	Milho, feijão catador, mandioca, batata, abobora, gergelim e amendoim
Entrevistado 6	Não planta em vazante	Milho, feijão, laranja, manga, tangerina e banana
Entrevistado 7	Maxixe, feijão, milho e abobora	Feijão, milho e mandioca
Entrevistado 8	Milho, abobora, batata, feijão, melancia, amendoim e melão	Milho, mandioca, abobora, feijão
Entrevistado 9	Milho, feijão, mandioca, batata, quiabo e melancia	Milho, feijão, abobora e melancia
Entrevistado 10	Milho, abobora, batata, cebola, coentro, pimentão e pimenta	Melancia, feijão e milho
Entrevistado 11	Feijão, milho, abobora, melancia, mandioca, batata, quiabo, cana, tomate, cebola e alface	Milho, feijão, melancia e amendoim
Entrevistado 12	Feijão, milho, quiabo, abobora, melancia, melão, caxixe, amendoim e batata	Milho e feijão
Entrevistado 13	Feijão, abobora, melancia e quiabo	Milho
Entrevistado 14	Feijão, milho, abobora, melancia, quiabo, batata e mamão	Milho e feijão
Entrevistado 15	Não planta em vazante	Não planta em roça
Entrevistado 16	Feijão, abobora e milho	Mandioca
Entrevistado 17	Abobora, batata doce, feijão, mandioca e milho	Mandioca e milho
Entrevistado 18	Não planta em vazante	Não planta em roça



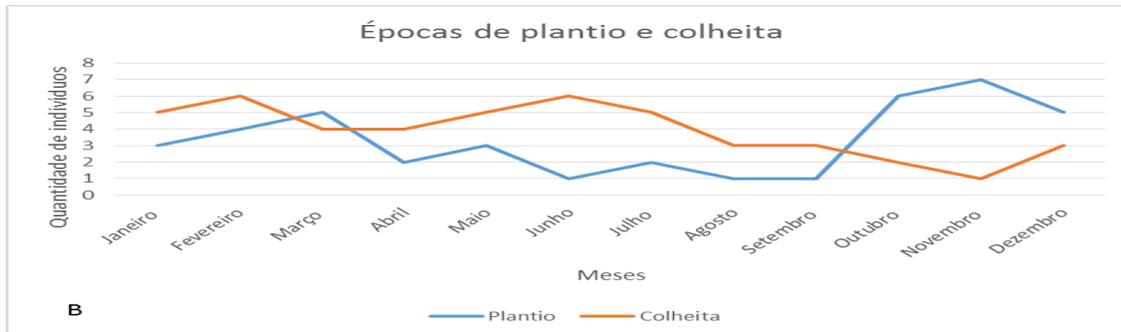


Figura 1. Fig 1 A, Animais e quantidade de animais que os entrevistados possuem; Fig 2 B, Representação das épocas de plantio e colheita.